



20 e 21 de junho de 2025 - Terceiro Congresso da

TRQI

Tendência pela Reconstrução da Quarta Internacional



Nos dias 20 e 21 de junho, foi realizado na cidade de Buenos Aires o III Congresso TRCI, com delegações da LOI Brasil, COR Chile e COR Argentina.

Tendências da situação mundial

Neste ponto, expandimos alguns elementos das teses que foram apresentadas para o Congresso, avançando na caracterização das tendências para a guerra. A agressão desencadeada por Israel contra o Irão, com a intervenção dos Estados Unidos, mostra que estamos presenciando tendências para uma guerra generalizada ou para uma nova guerra mundial. Na campanha eleitoral, Trump havia prometido que iria frear as guerras em andamento, no entanto, acelerou os processos. Mas esta nova guerra não será com as características das duas guerras mundiais anteriores, que foram para arbitrar que potência imperialista seria a única a dirigir o mundo. Nesse caso, seria uma guerra mundial em fase de decomposição do imperialismo, cuja expressão máxima se dá nos Estados Unidos, e da rapina para definir como se integram os ex-Estados operários em processo de assimilação. Seria uma guerra igualmente reacionária, mas não com as características das guerras interimperialistas de guerras anteriores, já que não definimos os ex-Estados operários como China e Rússia como imperialistas.

Reafirmamos a definição da quebra do equilíbrio instável, uma vez que as instituições criadas no pós-guerra não estão desempenhando nenhum papel nas guerras abertas e nos processos de crise econômica que se aceleram.

Definimos que estamos em um processo de recessão na economia mundial, agravada pela política tarifária de Trump e que o conflito entre Irã e Israel poderia levar a um aumento no preço do petróleo e levaria a possíveis processos de aumento da inflação. Esta situação internacional vai abrir situações de luta de classes mais aguda, já que os diferentes governos terão que se preparar para um cenário de guerra e terão que ajustar sua economia, o que

provocará confrontos de classe e devemos intervir nas fileiras do proletariado com um programa de transição que proponha uma saída revolucionária para o massacre ao qual o imperialismo e seus aliados pretendem nos levar.

Discussões sobre a China

Também discutimos como abordar o debate que está passando por grande parte do centrismo em relação à análise da China. Discutimos tentar recuperar a abordagem metodológica que Trotsky propôs para analisar as economias em transição após uma revolução: a interação entre a lei do valor e a lei da acumulação socialista, entre seus conflitos e sua harmonia. Nessa interação estão os aspectos internacionais e nacionais em que essas leis operam, a relação entre a concorrência mundial e os sistemas econômicos, de um lado, e, no nível nacional, a conexão entre economia e regime. Acreditamos que é importante retomar essa abordagem, pois nos permite entender a dinâmica da lei do valor e suas contratendências, em vez de analisar os fenômenos revolucionários apenas do ponto de vista da lei da acumulação ou do desenvolvimento desigual e combinado, sem apreciar as mudanças que a intervenção consciente de uma direção revolucionária produziu nas leis do capital.

A perspectiva do centrismo não leva em conta essas interações e toma as leis do capital de forma abstrata. Várias correntes que se dizem trotskistas argumentam que o capitalismo já foi definitivamente restaurado na China e algumas até argumentam que é imperialista. Existem até correntes que dizem que a China é um capitalismo sui generis em processo de ser imperialista.

Insistimos que o processo de assimilação da China e da Rússia ainda não está encerrado e isso dependerá dos processos da luta de classes em nível nacional e internacional e da dinâmica do confronto entre revolução e contrarrevolução que nos é colocado neste cenário.

Brasil

O governo Lula está perdendo apoio popular e não tem substituto eleitoral, o que dificulta ainda mais o governo. Da parte da oposição burguesa, o bolsonarismo estaria em retirada e eles estão vendo quem vai ocupar seu lugar entre alguma figura do centro ou se pode ser o governador de São Paulo, Tarcísio Gomes de Freitas. Nesses meses, desenvolveram-se lutas educacionais em nível nacional, que a burocracia traiu. Nossa corrente participou desta importante luta contra a burocracia e conseguimos conquistar um lugar de destaque na vanguarda.

Diante do cenário mundial, temos de procurar uma maior intervenção no movimento operário com uma linha internacional e fazer avançar o trabalho para pôr termo ao genocídio em Gaza. O governo Lula exporta 40% do petróleo para Israel, portanto, o proletariado tem uma tarefa pesada na luta contra esse massacre.

Chile

O governo de Boric continua se adaptando à agenda da direita chilena, o que permite um avanço mais repressivo nos conflitos e posiciona a oposição burguesa com chance de retornar ao governo. Por sua vez, a Frente Ampla, que surgiu como a resposta da burguesia ao movimento de massas de 2019, mostrou rapidamente que é mais um servidor dos interesses imperialistas e que está disposta a atacar a classe trabalhadora para garanti-los. Houve lutas dos trabalhadores nos setores pesqueiros, por exemplo, mas isoladas por mediações reformistas e burocracia. É de vital importância ter agitação revolucionária e redobrar esforços para organizar a vanguarda operária que vem desenvolvendo experiências atomizadas para que seja o germe de um partido revolucionário que derrote a burguesia pró-imperialista, de todas as cores, e seus agentes em nossas fileiras.

Argentina

Milei rompeu com a tradição diplomá-

tica do Estado argentino de “neutralidade” diante dos confrontos militares e se alinhou fervorosamente com os EUA e o enclave de Israel, portanto, a luta para derrotar a política imperialista na região está inextricavelmente ligada à luta pela derrota de Milei, visando desenvolver métodos dos trabalhadores no campo da produção para afetar seus interesses.

Enquanto o Congresso acontecia, ainda ressoava a notícia da prisão de Cristina Fernández de Kirchner e o posicionamento escandaloso de grande parte do centrismo local contra a “proscrição”. Isso mostrou um salto na adaptação de um setor do centrismo trotskista ao regime burguês.

O chamado para a Conferência Internacional para a Reconstrução da Quarta Internacional

A situação internacional e as perspectivas de um cenário de guerra confrontam os revolucionários com tarefas históricas transcendentais, daí a importância de discutir diante das tendências que reivindicam a ditadura do proletariado para avançar na reconstrução da Quarta Internacional. No entanto, o curso de adaptação das instituições da democracia burguesa e as concepções oportunistas de muitas correntes que se reivindicam trotskistas em nível internacional se tornam um obstáculo a essa perspectiva.

Continuamos insistindo na importância de desenvolver uma minoria revolucionária organizada dentro do movimento operário para realizar a tarefa indispensável da luta programática pela revolução socialista. Neste caminho não vemos utilidade na realização de eventos autoproclamados, onde se pretende tomar o lugar do mandelismo da época passada, que renunciou à ditadura do proletariado, nem na reunião de grupos sem acordos programáticos com noções vagas como a “nova internacional”.

Da TRQI afirmamos que é do programa da Quarta Internacional, da sistematização e generalização da experiência da Revolução Russa que Trotsky nos deixou para continuar desenvolvendo a luta pela revolução mundial na época imperialista.

Resoluções

No sábado, às teses propostas foram aprovadas e as resoluções foram votadas. Incluindo:

- Realizar uma campanha de agitação e propaganda propondo as tarefas que o proletariado tem para enfrentar o imperialismo e contra a militarização dos Esta-

dos, destacando os métodos dos trabalhadores e incentivando a paralisação da produção para afetar os interesses imperialistas. Nesse sentido, promover ações, palestras, publicação de materiais.

- Redobrar a campanha contra o genocídio em Gaza a partir de uma política operária, propondo que a saída é a luta revolucionária pela Federação das Repúblicas Socialistas do Oriente Médio. Promover atividades de frente única com aqueles que compartilham essa perspectiva para denunciar os planos do enclave.

- Publicar as teses sob a forma de folheto e apresentá-las nos comitês regionais dos grupos.

- Publicar um novo número da revista internacional.

Na continuação, reproduzimos parcialmente as teses votadas por unanimidade no Congresso.

Proposta de teses elaboradas em maio e aprovadas por unanimidade durante os dias 20 e 21 de junho de 2025.(Extrato)

1. Etapa de decomposição do imperialismo e assimilação dos ex-Estados operários

Partimos da definição que mantemos para a etapa, que se desenvolve entre a decomposição do imperialismo e os processos de assimilação dos ex-Estados operários; bem como a noção de que assistimos a uma situação global que expressa categoricamente a ruptura dos equilíbrios instáveis que se estabeleceram no pós-guerra; e se abre um processo turbulento onde as formas de dominação imperialista serão postas à prova, fundamentalmente, na relação entre Estado e capital. Ou seja, estamos presenciando uma transição para uma nova reconfiguração dos equilíbrios num momento agudo da crise capitalista. A ruptura se expressa nas relações interestatais e nos equilíbrios econômicos, mas ainda não tem produzido uma ruptura na relação entre a burguesia e o proletariado na produção (na qual deverá expressar-se em derrotas históricas do proletariado, em guerras ou revoluções).

A decomposição do imperialismo e sua dominação se manifesta de forma histórica na organização das relações sociais como um sistema capitalista, entendida a organização do capital como uma organização anárquica. É aqui em que entra em uma contradição explosiva, já que não

conseguiu que a relação capital-trabalho fosse contida nas instituições criadas para sua dominação e não conseguiu encontrar, no processo histórico, sua substituição por outra forma de dominação estatal burguesa. A extensão dessa anomalia no tempo é o que está levando a uma guerra, ainda encapsulada, mas que, se generalizada, não seria mais como as outras guerras mundiais (que foram travadas pela divisão do mercado na expansão do sistema capitalista), mas sim uma guerra para assimilar os ex-Estados operários no momento de maior decadência e decomposição do imperialismo. Como exemplo, devemos destacar o acordo de Trump com a Ucrânia para ficar com as terras raras (e outros acordos nos setores energéticos) para garantir em parte a segurança militar da Ucrânia ante a Rússia, não para defender a nação ucraniana, mas para defender os interesses imperialistas conquistados na região. Neste caso, o mais importante para os revolucionários é ver que se trata de uma política imperialista de restauração capitalista em meio a uma guerra entre dois ex-Estados operários. Ou seja, impor a ditadura do capital por meio de um acordo entre um Estado imperialista e um ex-Estado operário, e submetê-lo a ser uma semicolônia ou uma colônia (menos provável), dependendo de como se desenrole e culmine a guerra com a Rússia.

2. Um cenário histórico inédito, sem precedentes

Afirmamos que estamos em um cenário inédito, não apenas porque não existem as condições econômicas e políticas do período da guerra mundial, mas também não existem as mediações partidárias ou os movimentos políticos da classe trabalhadora que se desenvolveram durante esse período. Por isso é difícil e até mesmo estéril buscar analogias históricas, como grande parte do movimento centrista em sua caracterização da situação mundial e em sua política de reagrupamento.

Alguns exemplos. O PO está impulsivando um reagrupamento internacional, tomando como analogia as reuniões internacionais de Zimmerwald e Kienthal, ou seja, está tentando organizar contra a guerra as supostas alas de esquerda ou poderíamos dizer também que é uma tática semi-morenista de reagrupamentos internacionais oportunistas com tendências que podem ser maoístas ou filostalinistas, com trotskistas em minoria. O PTS carac-

teriza que estamos em um pré-1914 e considera que a construção da Internacional vai ser com alas da esquerda de uma social-democracia decadente, sem muita reivindicação pela reconstrução da Quarta Internacional, mas sim uma vaga ideia de uma nova Internacional.

Acreditamos que essas analogias para a construção internacional não são válidas, pois devemos partir da generalização da Revolução Russa, das lições dos processos do pós-guerra, da derrota do stalinismo e dos processos de assimilação dos ex-Estados operários, para propor alguns elementos. O que devemos constatar é que o imperialismo, em sua decadência, pode levar os trabalhadores a enfrentamentos militares, e acreditamos que a dinâmica mundial está dando indícios desses preparativos. Devemos lutar contra a guerra com a teoria da revolução permanente.

3. Ruptura do equilíbrio e aceleração do tempo

É um período histórico que está apenas começando e não sabemos quão abrangente ele pode ser. Portanto, é importante ter em mente que os tempos econômicos e políticos, assim como a capacidade de resposta e organização da nossa classe em geral e dos países em processo de assimilação em particular, não podem ser equacionados.

Essa ruptura do equilíbrio acelerará fenômenos que estavam contidos no estágio anterior. Isso pode ser visto na forma de guerras regionais, como pode acontecer na Índia e no Paquistão, ou como fenômenos de enfrentamentos com o imperialismo pela independência política, tal como está se desenvolvendo na África, centralmente contra o imperialismo francês e uma série de crises políticas e econômicas.

4. Os Estados Unidos absorvem em seu Estado todas as contradições do sistema.

Em 2 de abril, o governo dos Estados Unidos, capitaneado por Trump, lançou uma guerra tarifária que está se convertendo em uma guerra em nível mundial. A grande maioria dos analistas anunciam que isso trará mais inflação e recessão para a economia mundial, a qual não vai

sair da crise aberta desde 2008.

Esta guerra tarifária é a resposta decadente de um imperialismo em crise, que não conseguiu estabilizar sua hegemonia com as instituições criadas no pós-guerra,



nem assimilar os antigos Estados operários ao sistema de Estados capitalistas. Isso levou a que todas as contradições do sistema capitalista em crise fizessem explodir no coração mesmo dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos expressam de forma visível a decomposição mais geral do sistema capitalista e de suas formas de dominação, que entraram em crise em 2008 e se agudizaram com a pandemia. O imperialismo ianque não pode resolver sua perda de liderança mundial com sua política bélica e agora comercial. Os analistas burgueses estão começando a perguntar com mais insistência se as medidas do governo Trump são um avanço ou um retrocesso extraordinário para os Estados Unidos. Deve recorrer a um nacionalismo econômico reacionário para tentar recriar o crescimento industrial que lhe permita eliminar competidores, centralmente europeus, para concentrar-se em frear o avanço da China. Para isso deve não só re-discutir as exportações de capital, mas a reindustrialização de seu próprio país e recuperar uma base da aristocracia operária que garanta seus planos imperialistas. Este projeto de Trump implica também conflitos domésticos, e que este “embaralhar e dar de novo” também implicará lutas internas entre facções burguesas (industriais, tecnológicas) e processos de luta de classes. Na cabeça de Trump e seus assessores, o plano é perfeito; na realidade, é delirante. Os processos históricos e a luta de classes não passarão em vão e esta

ideia, que se quis implementar nas origens da criação do imperialismo americano, fracassou e, hoje, em sua decadência, é mais difícil que triunfe.

A China tem algo do qual os EUA carecem: uma planificação, embora burocrática, da economia que lhe permite estabelecer suas próprias regras de produtividade do trabalho. Por mais que Trump e seus aliados pretendam endurecer um bonapartismo decadente e se ponham contentes porque os países “beijam seu traseiro”, a lei do valor impera sobre suas aspirações e a decadência imperialista conspira contra qualquer intenção de desenvolvimento sustentado das forças produtivas.

Trump faz o diagnóstico correto ao focar na esfera da produção. É que o 2008 lhes esfregou na cara as consequências de um certo parasitismo norte-americano sobre a especulação financeira e as high-tech. Agora, tentam desesperadamente, sentar as bases para uma transformação importante no cenário mundial, que, dada a enorme decomposição imperialista que vem marcando a etapa, acelerará os processos de regionalização que já vinham se desenvolvendo, aprofundará as tendências belicistas e gerará todo tipo de crises políticas nas quais precisamos ver como intervêm a classe operária internacional e suas organizações.

O ano de 2008 pôs em evidência uma crise de valorização do capital, relacionada às bolhas em setores pouco ligados à produção e ao papel dos Estados imperialistas, que buscaram evitar a necessária destruição de capitais, que deveria realmente sentar as bases para novas relações entre classes, setores de classe e estados. Isto é em definitivo o principal incentivo das tendências bélicas que se vêm desenvolvendo. O plano aventureiro de Trump busca abertamente enfrentar as crises de equilíbrio do pós-guerra, “organizando” essa destruição por meio da influência (econômica e político-militar) do imperialismo americano. Ela busca reconfigurar os monopólios para seus objetivos imperialistas, questão que se complica pela transnacionalização do capital.

Outro dos problemas mais importantes, é que diferente de 2008, a política de Trump complica o cenário interno, já que

afeta um setor importante da pequena burguesia norte-americana, debilitando sua base social. Já estão desenvolvendo importantes manifestações contra Trump, que está capitalizando por agora Bernie Sanders. Outro sintoma que vai neste sentido foram os atos e mobilizações do 1º de maio (nos EUA, se celebra em 1º de setembro), que expressam algo histórico, já que para o dia internacional dos trabalhadores não havia nenhuma ação. Quanto ao proletariado, o governo tenta desenvolver uma espécie de competição ridícula baseada numa classe operária branca, que é mais cara, porém “melhor” que a chinesa, questão que até agora não foi demonstrada e que, na realidade, esconde o verdadeiro interesse em atacar suas conquistas.

100 dias após o início do governo Trump, dados oficiais indicam que os EUA estão à beira da recessão, com uma contração do PIB de -0,1% no primeiro trimestre. Anualizada, a queda cresce para -0,3%. “Pela primeira vez em vários anos, por culpa de Trump, a economia dos EUA mostrou menos força do que a da zona do euro, que cresceu 0,4% no primeiro trimestre”, compara o El País de Madri.

A guerra tarifária no plano interno levou empresas e consumidores em geral a estocar insumos antes que os impostos afetassem seus preços. As consequências dessas mudanças agora podem ser colocadas em estatísticas: “O declínio do PIB no trimestre se deve ao aumento das importações”, de acordo com o Bureau of Economic Analysis, um departamento do Ministério do Comércio. Esse déficit no trimestre avançou nada menos que US\$464 bilhões. Número sem precedentes: 41,3% nos primeiros três meses do ano contra -1,9% no último três período de 2024.

Esse resultado se soma a outro efeito complicado da fuga de investidores do tradicional porto seguro do dólar e dos títulos do Tesouro. “A incerteza aumentou a ponto de sair dos eixos dos gráficos”, alertou a diretora-gerente do FMI, Kristalina Georgieva, no início da assembleia do FMI e do Banco Mundial, pouco antes do aniversário de 100 dias. “As condições financeiras se deterioraram; a volatilidade está aumentando (...). É urgente que as tensões comerciais sejam resolvidas o mais rápido possível”, reivindicou.

Desde que Trump assumiu o cargo, o S&P, um dos principais índices de Wall Street, despencou 8% e, no mesmo período, o dólar perdeu 9%. O Goldman Sachs

estimou que cerca de US\$60 bilhões em ações dos EUA foram vendidas desde o início de março. Os investidores europeus estão liderando o movimento. Grande parte desse dinheiro vai para o ouro e o euro.

O que devemos ter em conta é que o imperialismo é uma reação em toda a linha e é necessário enfrentar esse ataque, porque isso significará um redesenho da relação capital-trabalho. Isso se traduz em maior exploração da força de trabalho e declínio das condições de vida, com a intenção de nos levar à guerra e estabelecer um novo equilíbrio de poder entre as classes em todo o mundo.

5. O colapso do imperialismo europeu

Diante do colapso do Reino Unido, da União Europeia e do estado de bem-estar social, os governos desses Estados estão querendo levar os trabalhadores a outra guerra. A expressão dessa decadência foi o enorme apagão na Espanha, Portugal e sul da França; assim como a venda de “kits de sobrevivência” ante catástrofes ou guerras; e o crescimento dos orçamentos militares, centralmente a aprovação do rearmamento na Alemanha. Mas há outro processo importante: as fábricas em vários países estão tendo elementos de reconversão para produzir armas, locais de trabalho foram militarizados, com a cumplicidade da burocracia sindical. A resposta dos trabalhadores deve ser, abrir processos revolucionários que enfrentem os governos imperialistas, que nos colocaram nessa situação. Temos que frear às políticas bélicas do imperialismo em todo o mundo: para que a resistência palestina no Oriente Médio triunfe e destrua o enclave israelense e todas as lideranças contra-revolucionárias; para que o proletariado ucraniano e russo enfrentem seus governos e desenvolva uma guerra revolucionária para derrotar o processo de assimilação em curso; para que o proletariado chinês possa fazer parte das lutas do proletariado mundial e enfrente o processo de assimilação do ex Estado operário na perspectiva de fazer parte da vanguarda operária que prepare os requisitos para a reconstrução da IV Internacional e de suas seções nacionais.

6. As tarefas que nos são apresentadas

Neste cenário, definimos nossas tarefas na construção do TRQI e impulsionar a conferência internacional.

6.1 Frear a guerra reacionária e desenvolver

a luta revolucionária

A tarefa dos revolucionários é enfrentar os preparativos bélicos do imperialismo e debater com o conjunto da classe que não é a nossa guerra, e que devemos enfrentar as nossas burguesias em cada país para que elas não nos levem a políticas de unidade nacional ou de conciliação de classes em nome do enfrentar a guerra tarifas ou de posicionamento de blocos a favor ou contra os países em disputa, neste caso os Estados Unidos contra a China e a Europa.

A necessidade de desenvolver uma vanguarda internacional deve começar pela reconstrução de uma direção revolucionária internacional que é a IV Internacional reconstruída, que mediante um programa transicional e da formação de partidos revolucionários, possa tornar conscientes os processos espontâneos de massa para que possam lutar para enfrentar o capitalismo com base em uma saída revolucionária.

6.2 Desenvolver tarefas revolucionárias em chave transicional

Temos que aprofundar a generalização de uma grande lição que a Revolução Russa deu ao propor uma tarefa transicional de poder estatal mesmo antes da revolução no interior do Estado burguês, que é a ingerência do Estado operário na sociedade capitalista. Esta é uma tarefa que deve levar a cabo um partido com quadros preparados para as transições. Esta lição propõe uma transição para a destruição dos Estados burgueses não baseada num ataque às instituições burguesas e suas formas democráticas, mas sim que aponta para a gênese do problema, que é a base de sustentação da burguesia na produção. Isto é, desenvolver a política revolucionária na estrutura e não só na superestrutura. Esta lição conseguiu dar forma transicional a uma das etapas da ditadura do proletariado, que é a de desorganizar a burguesia. O Programa de Transição propôs outra das etapas, que é de organizar o proletariado para que possa dar resposta aos desequilíbrios capitalistas, propondo o controle operário da pelos trabalhadores, o monopólio do comércio exterior, as escalas móveis de horas de trabalho e salários como o sistema de trabalho da futura sociedade socialista.

É isso que tem perdido o centrismo e devemos ir à luta política para enfrentar suas direções e tratar de estabelecer um diálogo com os quadros